sóficas de duvidoso caráter imaginativo em que outros, com afoiteza, mergulham. Seguindo a lição de Henri Pirenne, Halkin também crê que o "historiador nada mais é do que um homem que se dá conta de que as coisas mudam e que procura saber porque elas mudam". A história é, segundo o espírito que a guia, uma arte ou uma filosofia e até uma ciência. Todos êstes modos de a considerar são legítimos, diz o Autor, embora suscitem sérias objeções. A história é uma arte difícil, uma ciência contestável e alimenta filosofias perigosamente imprecisas cujo desenvolvimento é nocivo, algumas vêzes, ao trabalho do historiador (p. 14). Mas a história não é, por certo uma coleção de pesquisas eruditas ou espetáculo de museu.

As filosofias da história e os mitos históricos originam-se da inquietação e os *profetas* em que muita vez se transformam certos filósofos da história, nascem dessa inquietação. A história propõe, porém, métodos mais rigorosos ao historiador. E é o emprêgo dêsses métodos rigorosos — e difíceis — que constitui a crítica histórica. Graças a esta, o homem conhece melhor o seu passado e se torna menos escravo dêle. Nisso, diz o Autor, consiste a verdadeira grandeza da história.

Não desêjo furtar ao leitor o prazer que êle terá em ler, e em receber, o grande número de sugestões que o livro do Prof. Halkin proporciona. Quero apenas chamar a atenção do possível leitor para o artigo *Intolerância e Inquisição,* a propósito dêsse *locus classicus* da história da intolerância que foi a Inquisição, o Prof. Halkin desenvolve uma série de considerações muito curiosas que têm por tema êste talvez sempre oportuno pensamento de Pascal: "On se fait une idole de la verité même, car la verité hors la charité n'est pas Dieu mais son image et une idole qu'il ne faut ni aimer ni adorer"...

*J. CRUZ COSTA*

---

FALCÃO (Edgard de Cerqueira). — *Nas Paragens do Aleijadinho,* 1955.

O sr. Edgard de Cerqueira Falcão, a quem a arte do Brasil deve tanto pelos magníficos volumes de documentação fotográfica, realizados quando ainda era pouco e incerto o interêsse pela nossa tradição plástica, publica hoje, com uma carta-prefácio de Basílio de Magalhães, ilustrações de J. Wast Rodrigues e capa do irmão Paulo Lachenmayer, O.S.B., êsse "Nas Paragens do Aleijadinho", que é um resumo do texto de "Relíquias da Terra do Ouro", atualmente uma raridade bibliográfica. O louvável intúito de não permitir que restasse confinado às bibliotecas dos colecionadores mais afortunados um punhado de informações úteis sôbre a arte antiga de Minas Gerais, bastaria para justificar e valorizar a iniciativa do sr. Edgard de Cerqueira Falcão, se tanto já não acontecesse pelo simples fato de reencontrá-lo no cultivo de sua especialidade.

Do livro, já pelo seu caráter sintético, não se esperarão longas descrições de monumentos, nem mesmo maiores análises históricas. Não obstante, as notas que nele sintèticamente registram as principais obras do barroco mineiro são precisas e seguras, como é hábito no autor. Mariana, Ouro Prêto, Sabará, São João e São José del Rei ali surgem com suas principais igrejas e construções civis, depois

de uma súmula sôbre a evolução histórica da província mineira. Por vêzes, é bem verdade, a cautela do historiador rigoroso parece pertubar a tarefa, correlata porém diversa, do guia. Assim, a atribuição da arquitetura de São Francisco de Ouro Prêto ao Aleijadinho, feita com as reservas críticas da simples autoria presumível, poderá parecer ao viajante leigo, que é o leitor de guias, mais uma insinuação do que uma afirmação, quando essa segunda impressão será a desejada pelo sr. E. Cerqueira Falcão, sobretudo depois da publicação dos documentos da Ordem Terceira pelo cônego R. Trindade. Igualmente, se há referência ao intrincado problema da autoria do lavabo da sacristia, seria necessário insistir-se no valor de peças assimiláveis, como sejam os dois púlpitos do arco-cruzeiro, bem como encarecer a autoria e a execução dominante, senão mesmo exclusiva, da portada e medalhão pelo Aleijadinho, pois a mão de José Antônio de Brito (se, em verdade, seu "arremate" não foi mero retoque complementar) não conseguiu marcar sensìvelmente a obra admirável. Não queremos, está claro, que a exatidão documentária ceda à propaganda artística, mas tão só gostaríamos de ver abertos os olhos do viajante comum para o que lhe pode mostrar, de forma mais eloqüente, o caráter e o valor da obra de mestre Lisboa. Reparos eqüivalentes poderiam ser feitos quanto à brevidade da indicação sôbre as figuras de madeira dos passos do Adro de Congonhas (em sentido oposto ao dos comentários sôbre São Francisco de O. Prêto, pois "autor responsável", para o leitor comum, pode dar idéia de autoria completa) ou à ausência de referências à imitação ingênua da planta ovalada e da chinezice dos arremates — elementos significativos para a arquitetura religiosa de Minas — da pequena e comovente fachada da Capela do O' de Sabará.

Numa palavra, o resumo de "Relíquias de Terra do Ouro" — cuja publicação continuamos a considerar muito importante — afasta-se um pouco do que se esperaria de um guia dos monumentos mineiros, tal como, tomando Ouro Prêto por centro de interêsse, o fêz Manuel Bandeira, cuja reedição se continua a esperar. Se, contudo, "Nas Paragens do Aleijadinho" fôr lido como um repositório de dados, úteis e precisos, que arriscavam ficar fora do alcance dos interessados, não deixará de, prontamente, evidenciar seus méritos. A êsses, aliás, é preciso ajuntar e louvar o da inclusão, no volume, da relação comentada dos "artistas Coloniais Mineiros", tal como a organizou o esplêndido especialista que é D. Clemente da Silva Nigra, O.S.B.

*LOURIVAL GOMES MACHADO*

---

BATTAGLIA (Salvatore). — *Nuovo Dizionario della Lingua Italiana*. U.T.E.T. Turim.

A escôlha da maneira de celebrar os fatos notáveis da vida e da atividade, quer duma pessoa quer duma entidade, com certeza que é uma boa indicação da seriedade e do empênho com os quais se cumpre o trabalho. E seja-nos permitido aqui aproveitar muito gostosamente esta consideração para falar na iniciativa que acaba de ter uma das maiores organizações editoriais italianas, a U. T. E. T. de Turim, para lembrar o centenário da sua existência. A U. T. E. T. escolheu de fato, entre as suas muitas e notáveis